

## Marcação de Plural e Variação Linguística: Análise de Produções Escritas de Alunos do Ensino Fundamental I

Plural marking and linguistic variation: an analysis of the written production of Primary I students

Any Cristina Felix<sup>1</sup>

Maria Auxiliadora da S. Cavalcante<sup>2</sup>

**Resumo:** Este trabalho procura refletir sobre produções escritas de crianças do 2º, 3º, 4º e 5º anos do Ensino Fundamental I. Para tanto, foram planejadas e executadas aulas de língua portuguesa para coletar produções escritas com foco nos casos de variação linguística, observando a marcação do plural e a viabilidade da compreensão comunicativa nos casos identificados. A pesquisa é de natureza qualitativa, a coleta de produções escritas foi realizada por meio de pesquisa de campo. Os estudos realizados para embasamento teórico da pesquisa tomam por base autores que estudam e trabalham com a sociolinguística variacionista. Os principais resultados apontam que as diferenças na marcação de plural em desacordo com a gramática normativa indicam enraizamento e manifestações de problemáticas sociais, essas que, por sua vez, provocam situações de desprestígio da língua, rotulação e preconceito linguístico.

**Palavras-chave:** anos iniciais; marcação de plural; produções escritas; Sociolinguística; variação linguística.

**Abstract:** This paper seeks to reflect on the written productions of children in the 2nd, 3rd, 4th, and 5th grades of Elementary School I. To this end, Portuguese language classes were planned and executed to collect written productions focusing on cases of linguistic variation, observing the marking of the plural and the viability of communicative understanding in the identified cases. The research is qualitative in nature, and the collection of written productions was carried out through field research. The studies carried out for the theoretical basis of the research are based on authors who study and work with variationist sociolinguistics. The main results indicate that the differences in marking plurals in disagreement with the normative grammar indicate rooting and manifestations of social problems, which in turn cause situations of language discredit, labeling and linguistic prejudice.

**Keywords:** early years; plural marking; written productions; Sociolinguistics; linguistic variation.

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de Alagoas, Centro de Educação, Programa de Pós-graduação em Educação, Maceió, AL, Brasil. Endereço eletrônico: [any.felix@cedu.ufal.br](mailto:any.felix@cedu.ufal.br).

<sup>2</sup> Universidade Federal de Alagoas, Centro de Educação, Programa de Pós-graduação em Educação, Maceió, AL, Brasil. Endereço eletrônico: [auxiliadora.s.cavalcante@gmail.com](mailto:auxiliadora.s.cavalcante@gmail.com)

## **Introdução**

O cotidiano social tem como característica marcante os diversos usos da língua que formam o fenômeno da variação linguística. Dada a frequência de uso das variações da língua, sabe-se que geralmente, quando há manifestações de variação, pode haver também manifestações de preconceito linguístico, visto a heterogeneidade da língua e a desigualdade social. Nesse sentido, acreditamos que o preconceito linguístico relacionado à marcação do plural pode estar vinculado a casos de variação linguística, fato que nos motivou a refletir sobre as manifestações das variações da língua na escrita de crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental I. Para tanto, questionamos: a marcação de plural nas manifestações linguísticas de alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental I inviabiliza a compreensão da mensagem comunicativa?

Pensando sobre esse questionamento, entendemos que a língua está em constante movimento sob influências cotidianas de ordem cultural, social, histórica, bem como que as pessoas fazem os mais diversos usos da língua de acordo com suas preferências, com seus pares e com os ambientes formais/informais.

Partindo desse pensamento, objetivamos refletir sobre a marcação do plural utilizada nos usos reais da língua por alunos dos anos iniciais, analisando as produções escritas de alunos do 2º, 3º, 4º e 5º anos do Ensino Fundamental I, partindo da identificação de casos de variação linguística relacionados à marcação do plural e da possível ou não viabilidade da compreensão comunicativa nos casos identificados.

A pesquisa desenvolvida justifica-se pela observação dos diversos usos da língua e a frequência de casos de variedades que fomentam investigações sobre a universalidade do fenômeno da variação linguística, visto que ele se manifesta em diferentes grupos sociais, dentre eles crianças estudantes dos anos iniciais.

Para o desenvolvimento da investigação, partimos do pressuposto de que as crianças com seus pares em sala de aula utilizam a língua de forma espontânea. Diante disso, planejamos e realizamos uma produção textual na qual os estudantes pudessem falar sobre o dia mais incrível de suas vidas, pois, na nossa visão, esse tema tem uma amplitude para a liberdade/espontaneidade de escrita, já que os alunos poderiam escrever sobre algo do seu interesse a partir de uma vivência significativa.

Fundamentamos as análises tomando por base autores que estudam e pesquisam casos de variação linguística em interface com as questões de ensino e aprendizagem da língua, dentre os quais: Bagno (2006), Bortoni-Ricardo (2004), Cavalcante (2008), Marinho e Costa Val (2006), entre outros.

### **Aspectos metodológicos**

O percurso metodológico, para o desenvolvimento deste trabalho, pautou-se na abordagem qualitativa, por meio da pesquisa de campo. Escolhemos esse tipo de investigação porque “[...] a pesquisa qualitativa ocupa um reconhecido lugar entre as várias possibilidades de se estudar os fenômenos que envolvem os seres humanos e suas intrincadas relações sociais, estabelecidas em diversos ambientes” (GODOY, 1995, p. 21). As produções escritas analisadas, neste artigo, foram coletadas no mês de novembro/2021 com alunos<sup>3</sup> do 2º, 3º, 4º e 5º anos, durante aulas de língua portuguesa. Considerando o que ressalta Godoy (1995, p. 27), “[...] os dados devem ser coletados no local onde eventos e fenômenos que estão sendo estudados naturalmente acontecem [...]” As análises do material coletado foram realizadas nos meses de dezembro/2021 e janeiro/2022, concomitante ao aprofundamento de estudos para fundamentação teórica e discussão dos resultados.

Coletamos uma narrativa escrita referente a cada ano do Ensino Fundamental I<sup>4</sup>, para investigar os possíveis casos de variação linguística, observando a marcação do plural e a viabilidade da compreensão comunicativa nos casos identificados, pois “[...] um fenômeno pode ser melhor compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte [...]” (GODOY, 1995, p. 21). As narrativas escritas produzidas pelas crianças foram construídas dentro da temática *Os dias mais incríveis da minha vida* para incentivar criações autorais significativas e livres da obrigação de escrever sobre um tema com o qual os alunos não tivessem afinidade e nem interesse, entendendo que “[...] o pesquisador vai a campo buscando ‘captar’ o fenômeno em estudo a partir da perspectiva das pessoas nele envolvidas, considerando todos os pontos de vista relevantes” (GODOY, 1995, p. 21). Após a realização das escritas, ocorreu a socialização oral da narrativa com a participação de todas as crianças.

### **Fundamentação teórica**

A língua, parte constituinte do ser humano, desde sua formação social, histórica e cultural, está diretamente no centro das mudanças sociais como elemento que colabora com a interação entre os indivíduos e as relações de poder. Para Marinho e Costa Val (2006), “[...] a língua é um sistema de recursos expressivos que está a serviço da interação humana” (MARINHO; COSTA VAL, 2006, p. 13), portanto, seus usuários moldam o uso da língua de

---

<sup>3</sup> As identidades das crianças autoras das produções escritas analisadas, neste artigo, são preservadas. As narrativas são identificadas apenas pelo ano escolar de cada criança.

<sup>4</sup> Durante a pesquisa de campo, não havia criança do 1º ano participando das produções escritas, desse modo não houve coleta de material referente ao 1º ano do Ensino Fundamental I.

acordo com a situação comunicativa que lhe convém e isso, por si só, já seria algo extraordinário e um indicador da capacidade de mutação e possibilidades do uso da língua.

Considerando a premissa de que a língua está a serviço da interação humana e de que a mutabilidade cotidiana ocorre conforme as práticas sociais dos sujeitos nos mais diferentes espaços, é importante ressaltar, conforme Cavalcante (2008), que “[...] em um mesmo espaço geográfico podem conviver diferentes variedades linguísticas (popular, culta, padrão e não padrão)” (CAVALCANTE, 2008, p. 01).

Sabendo-se que a língua é constituída pela heterogeneidade com aspectos que diferem de acordo com o espaço em que é utilizada, bem como pelo uso formal ou informal, logo se entende que ela é influenciada pela cultura, considerando que a cultura é “[...] um conjunto de conhecimentos, valores, crenças, costumes, modos de agir e de se comportar adquiridos pelos seres humanos como membros de uma sociedade [...]” (LIBÂNEO, 2012, p. 319). Desse modo, é válido destacar que a vivência e a manifestação desses conhecimentos, crenças, costumes, modos de agir e se comportar estão diretamente ligados aos diferentes usos da língua e ela, por sua vez, imersa neles. Nesse sentido, “[...] a língua é um dos bens sociais mais relevantes e de maior valor, apreciada pela humanidade em qualquer época, povo e cultura. É propriedade adotada por todos os membros de uma comunidade, pois nenhuma delas permanece viva sem comunicação” (FIGUEIREDO; GRANADEIRO; SILVA, 2019, p. 03).

Costa (2009, p.13) enfatiza que “[...] a língua é, por excelência, um instrumento de comunicação social. Por meio dela, o homem projeta o processo de criação e recriação da sua realidade, mediante a interação que estabelece consigo mesmo e com os outros”. Portanto, reconhecer a heterogeneidade da língua nega a ideia de uma língua pura, homogênea, sem influências históricas e culturais e que não acompanha o movimento de mudanças sociais. Entendê-la, por esse viés, rompe com a ideia da constituição de objeto inacessível à camada populacional em geral, pois como afirma Possenti (1996), “[...] todos os que falam sabem falar” (POSSENTI, 1996, p. 26). São exatamente os diferentes usos da língua, os novos sentidos e construções que vão sendo feitas que a constituem como um elemento provocante a diversos tipos de estudo, pois “[...] o uso da língua é variado e rico” (FIGUEIREDO; GRANADEIRO; SILVA, 2019, p. 03).

Para tanto, as mudanças na língua não ocorrem de forma instantânea. Trata-se de um processo histórico que demanda tempo em que as mudanças ocorrem de forma gradual, conforme os diversos usos que vão sendo feitos por seus usuários, bem como pelas influências sociais, culturais, regionais e econômicas, por exemplo. Nesse sentido, destaca-se

a percepção do dinamismo da língua, porque ela vai mudando com o tempo e com as ocorrências sociais.

Naro (2003) afirma que as mudanças que ocorrem na língua não são regulares e nem a curto prazo, ou seja, não há uma linearidade e nem celeridade instantânea no processo de transformação da língua e seus diferentes usos. Para tanto, “[...] por mais que sejam refreadas, as forças de mudança interna da língua nunca param de agir” (BAGNO, 2006, p. 40).

Compreendida a ideia de que a língua está em constante processo de mutabilidade, não linear, a longo prazo, influenciando e sendo influenciada por aspectos internos e externos, aponta-se para a diversidade linguística, pois, “[...] é fato que as línguas são instáveis e mudam com o passar do tempo” (COSTA, 2009, p. 20), então a diversidade da língua é construída por uma realidade plural, concretizada no falar dos seres humanos no dia a dia.

Esse falar tão comum e cotidiano ocorre em diferentes espaços físicos que constituem espaços de interação social e contribuem com a formação de papéis sociais. Bortoni-Ricardo (2004) ressalta que os espaços de interação humana, nos quais a língua se manifesta, são domínios sociais em que os indivíduos têm contato entre si, a casa como um desses espaços se pauta na cultura falada.

A autora ressalta também que a escola, na condição de outro espaço de interação, se constitui como lugar de predominância da cultura escrita e, desse modo, a sensibilidade do aluno vai sendo moldada para a percepção quanto ao uso formal e informal da língua.

Diante de tais espaços, é elementar afirmar que a diversidade da língua condiciona a reflexão sobre a variação da língua porque “[...] a variação é inerente à própria comunidade linguística” (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 25).

A heterogeneidade da língua é implícita à diversidade linguística em uso pelos falantes, porém quase sempre a língua torna-se objeto de estudo com maior frequência pela perspectiva da norma gramatical padrão, como um conjunto de regras que devem ser seguidas pelos indivíduos (POSSENTI, 1996). No entanto, não é apenas para essa visão gramatical que ela constitui objeto de análise.

Enquanto para a gramática normativa a língua é voltada para a ideia de erro ou acerto, sem levar em consideração a forma como a pessoa pensa e constrói o modo que fala ou escreve – língua ideal e não língua real -, há poucas descrições de como a língua está de fato acontecendo, sendo essa função da gramática descritiva e analítica. O que se observa é que não se leva em consideração o lançamento de hipóteses linguísticas que o falante faz de acordo com as regras internalizadas, ou seja, que foram aprendidas na cultura local (POSSENTI, 1996).

Nesse ponto, busca-se o apoio da corrente sociolinguística, porque compreende que a língua utilizada no cotidiano social é a língua real e não a ideal, como prescreve a gramática normativa. Dessa forma, faz-se necessário pensar a influência de fatores internos e externos que contribuem com a formação do repertório linguístico dos indivíduos.

A Sociolinguística é uma subárea da ciência Linguística. De acordo com Coelho *et al.* (2010), em meados da década de 1960, o linguista William Labov avançou com estudos numa vertente diferente dos estudos linguísticos até então realizados por Ferdinand de Saussure (estruturalismo) e Noam Chomsky (gerativismo), apresentando uma nova visão sobre os fenômenos linguísticos. Os estudos de Labov se destacam porque, a partir deles, o aspecto social passa a ser considerado como fator de influência sobre as manifestações da língua,

[...] tanto estruturalistas quanto gerativistas deixam de lado as possíveis influências externas (históricas, sociais, ideológicas etc.) sobre a estrutura linguística, assumindo uma perspectiva pela qual as regras e relações internas dos componentes da gramática são suficientes para uma descrição adequada do objeto (COELHO *et al.*, 2010, p. 19-20).

Desse modo, a Sociolinguística desenvolve estudos com a observação dos usos da língua no meio social, tendo como objeto de estudo a variação linguística,

[...] ponto fundamental na abordagem proposta por Labov é a presença do componente social na análise linguística. Com efeito, a sociolinguística se ocupa da relação entre língua e sociedade e do estudo da estrutura e da evolução da linguagem dentro do contexto social da comunidade de fala (COELHO *et al.*, 2010, p. 22).

Nesse sentido, Bagno (2006, p. 208) defende que essa corrente teórica “[...] estuda as correlações entre fenômeno linguístico e fato social”. A variação linguística é, portanto, um fenômeno universal com existência de formas linguísticas alternativas, dessa forma, pode ser descrita e analisada cientificamente (MOLLICA, 2003). Para Bortoni-Ricardo (2004), a variação linguística está relacionada a grupos etários (idade, geração), gênero (papeis sociais/cultura), status socioeconômico (desigualdade de renda), mercado de trabalho (repertório linguístico ligado a profissão), grau de escolarização (anos de estudo e qualidade escolar), rede social (comportamento de vivências próximas) e grupo de referência (quando mesmo sem interação presencial sofre influência, por exemplo: TV, internet), compondo uma diversidade sociolinguística que requer reconhecimento e consciência.

Marinho e Costa Val (2006) afirmam que o fenômeno da variação linguística ocorre devido às diferenças na fala e na escrita pelas transformações da língua ao longo do tempo.

Cavalcante, partilha do mesmo pensamento quando afirma que a variação linguística ocorre tanto na fala quanto na escrita (CAVALCANTE, 2008). Bortoni-Ricardo (2004) expõe que tais diferenças acontecem também na variedade do lar com o uso da língua informal e no ambiente escolar devido à cultura formal da escola, ou seja, manifestam-se no falar cotidiano das pessoas, bem como na forma de utilizar a língua escrita de acordo com o contexto em que elas estão inseridas. Assim, a língua firma-se como elemento cultural e heterogêneo que permite a comunicação de forma satisfatória, ou seja, de modo a cumprir a função comunicativa a partir da intenção do locutor, podendo ocorrer o fenômeno da variação.

Após a reflexão sobre as mudanças sociais que afetam diretamente os usos da língua e provocam dinamismo, diversidade, bem como o fenômeno da variação linguística, ressalta-se a importância de refletir sobre como a língua se concretiza tanto na fala quanto na escrita, para abarcar a universalidade da variação como um fenômeno, não a curto prazo, que de tempos em tempos, acompanhando as mudanças da sociedade, imprime suas marcas nas construções comunicativas dos falantes/ouvintes e escritores e leitores.

### **Pensando a marcação do plural e o preconceito linguístico**

De acordo com Bagno (2006), a marcação do plural em apenas uma das palavras que compõem uma oração sofre preconceito social sendo rotulada, de “[...] ‘fala de caipira’, ‘fala de matuto’, ‘língua de jeca’, ‘língua de caboclo’, ‘português errado’ [...]” (BAGNO, p. 48, 2006). Para Cavalcante (2008), esse preconceito social se intensifica em relação à variedade linguística utilizada pela camada popular, tornando-se uma forma de falar estigmatizada e desprestigiada.

Possenti (1996) afirma que existem julgamentos das diferentes formas de falar de acordo com o ponto de vista de determinados grupos de falantes (normalmente grupos privilegiados). As diferenças existentes são rotuladas como erro e funcionam como um intensificador da desigualdade social. Para tanto, o autor esclarece que diferenças linguísticas não são erros, são construções que divergem do que é considerado padrão. Na verdade, erro é aquilo que não se enquadra em qualquer variedade da língua, explica o autor.

A marcação do plural em apenas uma palavra da frase, embora compreensível pelos falantes do português, só é considerada um erro e motivo de preconceito porque não se admite formas de falar que estejam destoantes da gramática normativa,

[...] na verdade, a gramática sempre foi pensada como autônoma e indiferente a mudanças e o ensino de Língua Portuguesa, por sua vez,

sempre foi baseado nessa gramática normativa e prescritiva, que não considera as variações da língua e não sofre influências dos contextos de uso da língua (MOURA JÚNIOR; MESQUITA, 2019, p. 108).

Dessa forma, fundamentar o ensino da língua considerando apenas o que indica a gramática normativa pode levar à ocorrência de dois problemas: o primeiro se dá em distanciar a sala de aula do aluno. A sala de aula passa a ser um ambiente de estranhamento para o aluno que, ao expressar-se de forma espontânea, torna-se alvo de correções. Um exemplo desse estranhamento é a negativa da personagem Emília no livro *A língua de Eulália*:

Aliás, se você prestar atenção na fala das pessoas com quem convive em casa, no trabalho, no círculo de amizades, vai perceber que em situações informais, descontraídas, mesmo as pessoas ditas cultas aplicam a regra de plural do PNP<sup>5</sup>.

— É verdade, tia, eu já reparei isso — confirma Vera.

— Não sei não — duvida Emília. — Eu tenho certeza de que não falo assim nunca. Meus plurais estão sempre bem marcadinhos, bonitinhos...

— Será mesmo? — diz Irene, piscando um olho. — Um dia a gente grava a sua fala numa situação informal e depois põe a fita para tocar. Sou capaz de apostar que vai haver muito plural ‘faltando’ ... (BAGNO, 2006, p. 51).

O segundo problema decorre das manifestações do preconceito linguístico apontado no primeiro problema. Por não se reconhecer aceito em determinada forma de falar, entre outros fatores, o aluno corre o risco de perder o interesse pelo estudo e para refletir sobre a língua materna.

Ainda hoje, é possível constatar que muitos professores de Língua Portuguesa privilegiam o ensino da gramática normativo-tradicional, que aponta o certo e o errado quanto ao uso da língua. Esse modo de conceber o ensino da língua contribui para que os alunos continuem alheios ao funcionamento da língua, acreditando que aprender gramática normativa fará com que eles desenvolvam habilidades de leitura e de escrita (MOURA JÚNIOR; MESQUITA, 2019, p. 108).

Conforme já exposto acima, uma forma de falar só é considerada um erro e, conseqüentemente, alvo de preconceito, porque não são admitidas formas de falar que diferem das regras gramaticais. No entanto, isso não significa que não se deve ensinar a gramática normativa nos espaços de aprendizagem da língua. Significa dizer que, junto ao estudo da língua pela gramática normativa, deve-se reconhecer também que existem outras formas de

---

<sup>5</sup> No livro *A língua de Eulália*, Bagno utiliza a sigla *PNP* para se referir ao português não-padrão.

falar que não constituem erros se são compreensíveis aos falantes. Dessa forma, Bagno (2006) esclarece:

Como já enfatizei, não vamos querer eliminar o português padrão das escolas e passar a ensinar o PNP. Mas o conhecimento dessas regras serve para que fiquemos mais atentas às diferenças que existem entre as duas variedades... Diferenças que quase sempre, infelizmente, são logo consideradas ‘erros’ por quem não consegue compreender a lógica que existe nelas... (BAGNO, 2006, p. 54).

Para além da compreensão de que uma forma de falar diferente das regras normativas da gramática não constitui necessariamente erro, faz-se necessário refletir, tratando-se do PNP, o porquê de a marcação de plural ocorrer em apenas uma das palavras da frase. Para explicar esse fenômeno, Bagno esclarece que, “[...] estamos falando do português não padrão, que tem regras gramaticais diferentes das do português padrão” (BAGNO, 2006, p. 49).

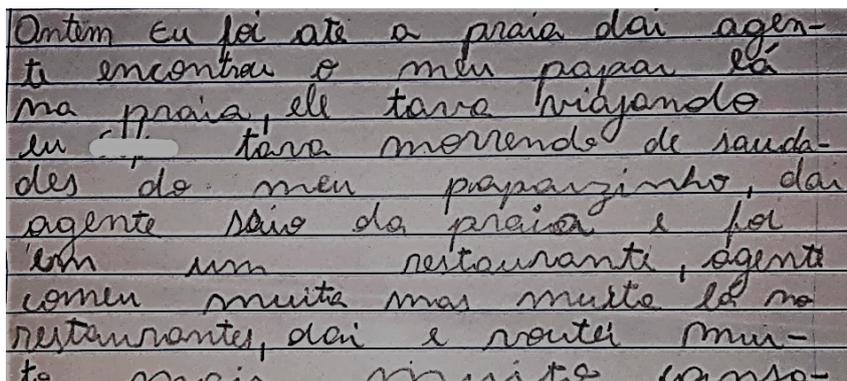
Segundo o autor, a diferença ocorre na redundância da marcação do plural. Ela ocorre com maior frequência no português padrão, estando presente em mais de uma palavra “[...] no português padrão existe aquilo que se chama marcas redundantes de plural. [...] Na nossa norma-padrão de português, para indicar que estamos falando de mais de uma coisa, acrescentamos ‘marcas de plural’ em muitas palavras da frase” (BAGNO, 2006, p. 49), assim se caracteriza a concordância de número.

### **Análises das produções escritas**

O fenômeno da variação linguística se manifesta nas diferentes formas de falar e de escrever que marcam a identidade de um povo. Desse modo, para refletir sobre esse fenômeno, por meio da marcação do plural utilizada nos usos reais da língua por alunos dos anos iniciais, propomos analisar produções escritas de alunos do 2º, 3º, 4º e 5º anos do Ensino Fundamental I - doravante EF I – sobre o tema *Os dias mais incríveis da minha vida*, a fim de identificar casos de variação linguística relacionados à marcação do plural, para discutir sobre a viabilidade da compreensão comunicativa nos casos identificados.

A figura 01, conforme imagem abaixo, apresenta o relato de uma criança do 2º ano do EF I sobre o tema proposto *Os dias mais incríveis da minha vida*.

Figura 1 – Relato da criança do 2º ano sobre o tema *Os dias mais incríveis da minha vida*



Fonte: Cavalcante; Felix (2021)

A escrita espontânea da criança apresenta traços da linguagem oral transposta na linguagem escrita. Nesse sentido, destacamos o trecho “[...] daí agente saio da praia e foi em um restaurante, agente comeu muito mas muito lá no restaurantes [...]”. Ressalta-se que a criança faz uso do pronome “a gente” em substituição ao pronome “nós” para evidenciar que estava na companhia de outras pessoas, bem como a utilização do “saio” para “saímos”, “foi” para “fomos” e “comeu” para “comemos”, comunicando, então: “agente saio” para “nós saímos”, “agente foi” para “nós fomos” e “agente comeu” para “nós comemos”, demonstrando traços de heterogeneidade linguística na sua forma de falar. Nesse sentido, Santos (2013) destaca que a heterogeneidade linguística é objeto de estudo da sociolinguística, da qual se percebe traços da fala na escrita espontânea da criança,

[...] para a sociolinguística, a língua apresenta um dinamismo próprio, possuindo formas diferentes, mas que são semanticamente equivalentes. Essas formas, diferentemente da visão normativa, não são consideradas desvios. A língua permite a construção das mesmas e, por isso, devem ser respeitadas (SANTOS, 2013, p. 27).

Observando a produção escrita apresentada acima, entende-se que o uso do pronome “a gente” para expressar duas ou mais pessoas em substituição do pronome “nós”, bem como a conjugação dos verbos na 3ª pessoa do singular não inviabilizam a compreensão da intenção comunicativa da criança.

A forma que a criança utilizou para narrar seu relato, ressalta a percepção da influência do aspecto social em sua na fala cotidiana. Esta que, transposta na escrita, evidenciou traços da variação diatópica, relacionada à região que a criança vive, bem como a

variação diastrática, de acordo com os grupos sociais com os quais ela convive. Nesse sentido, destacamos a percepção de Coelho *et al.* (2010), ao afirmar que:

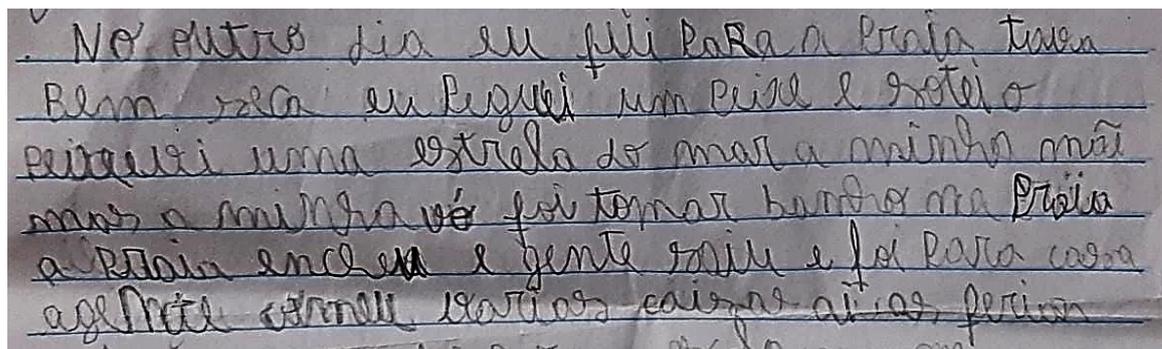
[...] o fato de em uma comunidade, ou mesmo na fala de um indivíduo, conviverem tanto a forma tu quanto você não pode ser considerado marginal, acidental ou irrelevante em termos de pesquisa e de avanço de conhecimento. Como já vimos, a variação é inerente às línguas, e não compromete o bom funcionamento do sistema linguístico nem a possibilidade de comunicação entre falantes (COELHO *et al.*, 2010, p. 25).

As manifestações linguísticas apresentadas pela criança também têm influência social de acordo com a faixa etária e grau de escolaridade a qual pertencia no dado momento da realização da produção escrita. Esse fato nos permite inferir que conforme a criança avance em idade e, respectivamente, em anos escolares, a forma de falar também poderá mudar de acordo com o contexto histórico e cultural, revelando traços da variação diacrônica.

Além disso, a forma de escrever também poderá receber influências conforme o aumento do grau de escolaridade, no sentido de que a criança poderá desenvolver a compreensão da escrita com intenção de comunicar o que lhe é significativo de acordo com seus interesses, por exemplo, a escrita da redação nas provas anuais do Exame Nacional do Ensino Médio – Enem, revelando influências da variação diafásica com a escolha de estilo, seleção de palavras e argumentos com consciência do que quer e como quer comunicar intencionalmente.

A figura 02, abaixo, traz o relato de uma criança do 3º ano do EF I. A escrita espontânea da criança do 3º ano do EF I relata um passeio à praia junto com a mãe e a avó. A criança descreve o trio de pessoas com o uso de “agente” em substituição do pronome “nós”.

Figura 2 – Relato da criança do 3º ano sobre o tema *Os dias mais incríveis da minha vida*



Fonte: Cavalcante; Felix (2021).

Percebe-se, nessa produção escrita, assim como a narrativa da criança do 2º ano, a transposição das palavras da fala para a escrita de forma espontânea. A intenção da criança foi

a de comunicar acontecimentos do seu passeio, conforme o trecho a seguir: “[...] a minha mãe mas a minha vó foi tomar banho na praia a praia encheu e gente saiu e foi para casa agente comeu várias coisas [...]”.

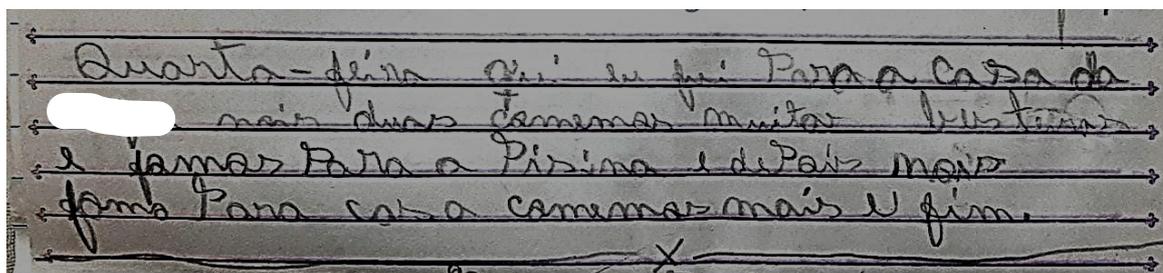
O breve relato narra uma sequência de fatos que não tem a lógica prejudicada pelo uso coloquial da língua. O uso do “a gente” atrelado à conjugação do verbo “foi” não impede a compreensão do “nós fomos” pelo interlocutor. Para além desse uso da língua, essa junção pronome “nós” com o verbo “fomos” ainda pode ser utilizada, dentro da variação linguística, na expressão “a gente fomos”, mostrando que o falante transita entre o português não padrão e o português padrão, com naturalidade, ampliando o repertório linguístico,

[...] mais do que dois modos que se opõem, temos graus de formalidade que permeiam as situações cotidianas de interação. Eventualmente, falantes vão apresentar uma escala maior ou menor de possibilidades de registro, dependendo de seu desempenho linguístico. As crianças, por exemplo, usualmente não apresentam uma escala grande e, portanto, têm menor possibilidade de variar estilisticamente seus registros (COELHO *et al.*, 2010, p. 82).

Nota-se também que a conjugação dos verbos foi feita na 3ª pessoa do singular. Tal observação nos permite perceber que a criança utiliza a língua de forma econômica em relação às regras da gramática normativa, mas que não inviabiliza a compreensão do que ela quis relatar, pois a sua intenção comunicativa foi perfeitamente clara para o interlocutor/leitor do seu texto. Nesse sentido, Bagno explica que “o PNP [...] é uma língua ‘enxuta’, que evita as redundâncias, o excesso de marcas para indicar um único fenômeno” (BAGNO, 2006, p. 65).

A figura 03, a seguir, traz o relato de uma criança do 4º ano do EF I. A produção escrita da criança do 4º ano relata a ida dela para a casa de uma colega, na qual comeram e se divertiram na piscina.

Figura 3 – Relato da criança do 4º ano sobre o tema *Os dias mais incríveis da minha vida*



Fonte: Cavalcante; Felix (2021).

Destacamos a marcação de plural do verbo “ir” na primeira pessoa do plural: “[...] Quarta-feira qui eu fui para a casa da xxx<sup>6</sup> nois duas comemos muitas besteiras e fomos para a pisina e depois nois fomo para casa comemos mais e fim”. As duas formas de conjugação do verbo “ir” podem, dependendo do contexto, gerar situações de preconceito linguístico, a considerar que

a marcação de plural e singular é, portanto, um assunto que reflete diretamente o preconceito linguístico na sala de aula. Essa realidade pode estar associada ao fato de que os conceitos de certo e errado são noções relativas, porém, por muitos motivos, e em várias situações, esses conceitos são entendidos como se fossem absolutos e imutáveis (MOURA JÚNIOR; MESQUITA, 2019, p. 119).

O caso a ser observado nessa produção escrita refere-se a dois pontos: o primeiro é a percepção de que a criança acrescenta a desinência “s”, no “nós”, na primeira utilização. Porém, não o faz na segunda utilização. Isso nos leva a pensar que pode ter ocorrido uma distração no ato da escrita e uma possível não revisão textual antes da finalização.

Outra possibilidade é a mistura entre saberes da gramática normativa para a conjugação de “fomos” com saberes da gramática internalizada que a criança aprendeu em seus espaços de convivência com seus pares para a conjugação “fomo”. Nesse sentido, pode-se pensar que a criança talvez possa ter realizado a transcrição da fala para a escrita, na tentativa de selecionar um estilo formal para sua narrativa, elaborando hipóteses de escrita entre a linguagem formal e informal.

[...] as gramáticas normativas da Língua Portuguesa, ao fazerem oposição entre estruturas marcadas e não marcadas, objetivam nos orientar para a manutenção e preservação do modelo defendido pela norma padrão, em que sujeito no singular exige verbo no singular, sujeito no plural exige verbo no plural (MOURA JÚNIOR; MESQUITA, 2019, p. 121).

O segundo ponto é a percepção do uso da gramática normativa na produção escrita em relação à duas análises anteriores (2º e 3º ano). Constatou-se que, conforme o avanço no grau de escolaridade, é menos frequente o uso da informalidade em produções escritas em ambientes de sala de aula. Para esclarecer esse ponto, Coelho *et al.* (2010) nos explica que,

falantes mais escolarizados tendem a produzir formas como ‘as meninas bonitas’, marcando o plural em todos os elementos do sintagma, ao passo que falantes menos escolarizados tendem a produzir formas como ‘as

---

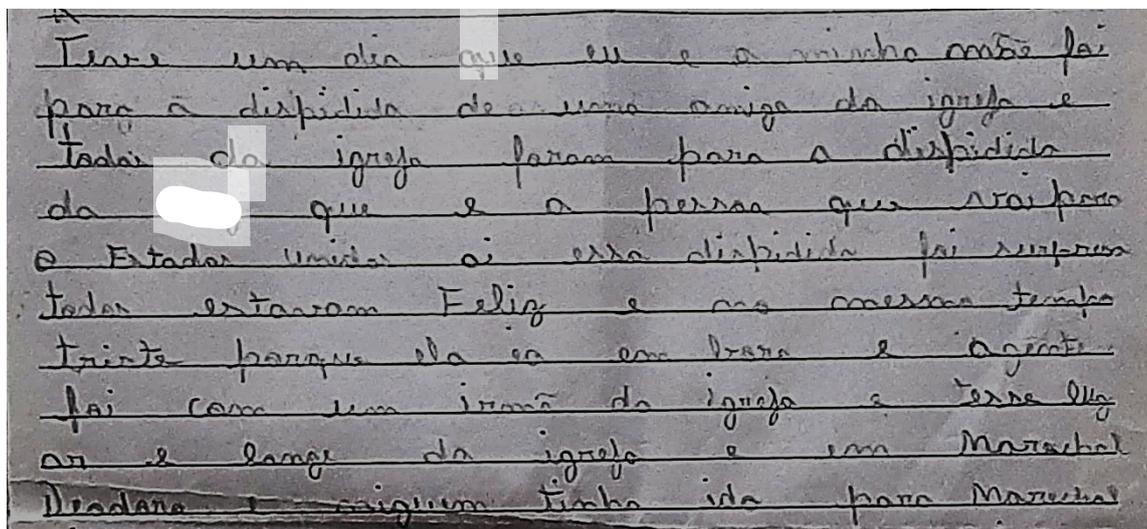
<sup>6</sup> Utilizamos “xxx” para não identificar a criança citada na narrativa.

meninas bonita’ ou ‘as menina bonita’, marcando o plural em um ou dois elementos do sintagma (COELHO *et al.*, 2010, p. 78).

Essa questão é diretamente relacionada às manifestações da variação diastrática pela influência social, bem como variação diafásica porque a criança do 4º ano mostrou-se atenta para a utilização da conjugação dos verbos de acordo com a gramática normativa o que permite perceber que ela escolheu utilizar o estilo formal para intencionalmente comunicar as informações em sua narrativa e suas escolhas não inviabilizaram a compreensão da sua intenção comunicativa.

A figura 04, a seguir, traz o relato de uma criança do 5º ano do EF I. A produção escrita da criança do 5º ano do EF I relata a despedida de uma amiga de sua mãe que iria viajar para outro país. A produção escrita da criança do 5º ano apresenta semelhança com a produção da criança do 4º ano. Percebe-se o uso de elementos que se relacionam com a gramática internalizada, bem como com a gramática normativa.

Figura 4 – Relato da criança do 5º ano sobre o tema *Os dias mais incríveis da minha vida*



Fonte: Cavalcante; Felix (2021)

Nesta produção, chama-nos atenção o uso do verbo “ir” conjugado na 3ª pessoa do singular (foi) referindo-se à 1ª pessoa do plural (nós), bem como a concordância entre o verbo “estavam” e os adjetivos “feliz” e “triste”, e o uso do “a gente” em substituição ao pronome “nós”: “Teve um dia que eu e a minha mãe foi para a despedida de uma amiga da igreja e todos da igreja foram para a despedida da xxx<sup>7</sup> que e a pessoa que vai para o Estados Unidos ai essa despedida foi surpresa todos estavam Feliz e no mesmo tempo triste porque ela ia em bora

<sup>7</sup> Utilizamos “xxx” para não identificar a pessoa citada na narrativa.

e agente foi com um irmão da igreja e esse lugar e longe da igreja e em Marechal Deodoro [...]”.

Quando a criança afirma “Teve um dia que eu e a minha mãe foi para a dispidida de uma amiga da igreja [...]”, é compreensível a intencionalidade comunicativa “Teve um dia que eu e a minha mãe fomos para a dispidida de uma amiga da igreja”. Do mesmo modo quando afirma “[...] ai essa dispidida foi surpresa todos estavam Feliz e no mesmo tempo triste [...]”, ambas as frases nos mostram que no português não padrão a marcação do plural apenas em uma das palavras da oração continua mantendo o sentido, “sua regra de plural é a seguinte: ‘marcar uma só palavra para indicar um número de coisas maior que um’ (BAGNO, 2006, p. 50).

Essa regra do PNP é fielmente obedecida em conversas informais e não causa faltas ou prejuízos na troca e compreensão de informações entre os falantes. Desse modo, Bagno (2006) afirma que o PNP é suficiente e eficiente “um falante de PP<sup>8</sup>, por mais preconceituoso que seja, entende perfeitamente a diferença entre ‘as garça dá meia volta, senta na bera da praia’ e ‘a garça dá meia volta, senta na beira da praia’ (BAGNO, 2006, p. 51).

Na seguinte frase “[...] agente foi com um irmão da igreja [...]”, o uso do “agente foi” em substituição ao “nós fomos”, é comumente utilizado em conversas rotineiras cotidianas sendo transcrita da fala da criança para a produção escrita. Embora a criança tenha optado pelo estilo predominantemente informal em sua narrativa, a intenção comunicativa não deixa de ser compreensível para o interlocutor/leitor.

Após as análises apresentadas neste artigo, ressaltamos que é interessante que as crianças/alunos dominem tanto as regras da gramática normativa quanto as regras da gramática internalizada, para que possam produzir textos orais/escritos de forma consciente, de acordo com suas intenções comunicativas.

### **Considerações finais**

Este artigo teve como objetivo principal refletir sobre casos de variação linguística, a partir de produções escritas de crianças do 2º, 3º, 4º e 5º anos do Ensino Fundamental I, com atenção para a marcação de plural dentro do fenômeno da variação linguística, apoiada em estudos sociolinguísticos. Evidenciou-se que a língua é um sistema em movimento cotidiano, seja na camada popular, seja na camada mais abastada, seja no comércio, seja na escola, não é limitada ou finita, está em constante processo de mudança com usos e desusos,

---

<sup>8</sup> No livro *A língua de Eulália*, Bagno utiliza a sigla *PP* para se referir ao português padrão.

transformações e inovações. Cada pessoa faz uso da língua conforme suas intenções comunicativas e, assim, se faz compreender dentro da sua variedade linguística.

Desse modo, refletimos sobre a marcação do plural utilizada nos usos reais da língua por alunos dos anos iniciais, buscando analisar suas produções escritas para a identificação de casos de variação linguística relacionados à marcação do plural e a possível ou não viabilidade da compreensão comunicativa nos casos identificados.

Os resultados apontam que não houve impedimento da mensagem comunicativa nos casos analisados. Observou-se a influência de fatores relacionados aos aspectos social, regional, de faixa etária e grau de escolaridade nas narrativas das crianças. Para além disso, houve transposição de palavras da fala oral para a escrita sem consideração de uso formal ou informal, porém sem prejudicar a lógica de sentido comunicativo devido ao uso coloquial da língua; houve menos frequência de uso da linguagem informal conforme o avanço do grau de escolaridade. Ficou também evidente que a marcação de plural em apenas umas das palavras da oração não impediu a intenção de comunicação da mensagem e nem a compreensão do leitor, pois não ocorreu falta de informações ou de lógica comunicativa.

Dessa forma, afirmamos que a marcação de plural nas manifestações linguísticas de alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental I, por meio das narrativas analisadas, não inviabilizaram a compreensão da mensagem comunicativa e, após tais análises das produções escritas, evidenciamos que a língua está em constante movimento sob influências cotidianas de ordem cultural, social, histórica, entre outros fatores, bem como as pessoas fazem os mais diversos usos da língua, utilizam as formas de linguagens de acordo com suas preferências, com seus pares, com os ambientes formais e informais.

Assim, constatou-se que a marcação de plural não inviabiliza a compreensão da mensagem comunicativa, pois na verdade a não conjugação de determinado verbo de acordo com a gramática normativa ou a ausência do plural em relação à concordância de número dentro de uma sentença são, muito mais, indicativos de problemáticas sociais do que um problema linguístico sem solução que desemboca em situações de rotulação e preconceito.

## Referências

- BAGNO, M. **A língua de Eulália**: novela sociolinguística. 15. ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- BORTONI - RICARDO, S. M. **Educação em língua materna**: a sociolinguística em sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- CAVALCANTE, M. A. da S. **Variações Linguísticas**: Implicações Pedagógicas no Ensino de Língua Materna. In: CAVALCANTE, M. A. da S; FREITAS, M. L. de Queiroz. O ensino

da língua Portuguesa nos anos iniciais: eventos e práticas de Letramento. Maceió: Edufal, 2008.

CAVALCANTE, M. A. da S.; FELIX, A.C. **Pesquisa de campo**: Os dias mais incríveis da minha vida. Maceió/AL. 2021.

COELHO, I. L. [et al]. **Sociolinguística**. – Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010. Disponível em: [https://ppglin.posgrad.ufsc.br/files/2013/04/Sociolingu%C3%ADstica\\_UFSC.pdf](https://ppglin.posgrad.ufsc.br/files/2013/04/Sociolingu%C3%ADstica_UFSC.pdf). Acesso em: 10 dez. 2021.

COSTA, E. O. da. **Variação lexical nas capitais brasileiras**. Trabalho de Conclusão de Curso. Belém: UFPA, 2009. Disponível em: [https://alib.ufba.br/sites/alib.ufba.br/files/variacao\\_lexical\\_nas\\_capitais\\_brasileiras.pdf](https://alib.ufba.br/sites/alib.ufba.br/files/variacao_lexical_nas_capitais_brasileiras.pdf). Acesso em: 21 dez. 2021.

FIGUEIREDO, C. A. de; GRANADEIRO, T. P.; SILVA, V. R. da. **Oralidade**: uma questão pouco falada nos livros didáticos de português. Revista Khora, v. 6, n. 7, 2019. Disponível em: <http://site.feuc.br/khora/index.php/vol/issue/view/7>. Acesso em: 28 dez. 2021.

GODOY, A. S. **Pesquisa qualitativa**: tipos fundamentais. Revista de Administração de empresas, v. 35, n. 3, p. 20-29, 1995. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rae/a/ZX4cTGrqYfVhr7LvVyDBgdb/?lang=pt>. Acesso em: 30 nov. 2021.

LIBÂNEO, J. C.; OLIVEIRA, J. F. de; TOSCHI, Mirza Seabra. **Educação Escolar**: políticas, estrutura e organização. São Paulo: Cortez, 2012.

MARINHO, J. H. C.; COSTA VAL, M. da G. **Variação linguística e ensino**. Belo Horizonte, MG: Ceale, 2006. Disponível em: [https://www.ceale.fae.ufmg.br/files/uploads/Col.%20Alfabetiza%C3%A7%C3%A3o%20e%20Letramento/Col%20Alf.Let.%2015%20Variacao\\_Linguistica.pdf](https://www.ceale.fae.ufmg.br/files/uploads/Col.%20Alfabetiza%C3%A7%C3%A3o%20e%20Letramento/Col%20Alf.Let.%2015%20Variacao_Linguistica.pdf). Acesso em: 03 jan. 2022.

MOLLICA, M. C. **Fundamentação teórica**: conceituação e delimitação. In: Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação/Maria Cecília Mollica, Maria Luiza Braga, (orgs.). São Paulo: Contexto, 2003.

MOURA JÚNIOR, G. A.; MESQUITA, E. M. de C. **A marcação de plural no sintagma verbal em textos produzidos por alunos da educação básica brasileira**. revista Linguagem, São Carlos, v.31, n.1, jul./dez. 2019 p. 106- 133. Disponível em: <https://www.linguagem.ufscar.br/index.php/linguagem/article/view/504/283>

NARO, A. J. **O dinamismo das línguas**. In: Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação/Maria Cecília Mollica, Maria Luiza Braga, (orgs.). São Paulo: Contexto, 2003.

POSSENTI, S. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1996.

SANTOS, R. L. de A. **A Escolaridade e a concordância verbal na escrita de menores carentes que vivem em entidades filantrópicas na cidade de Maceió**. 2013. 137 f. Tese (Doutorado em Letras: Linguística) – Faculdade de Letras, Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2013. Disponível em:

<http://www.repositorio.ufal.br/bitstream/riufal/1831/1/A%20Escolaridade%20e%20a%20concord%C3%A2ncia%20verbal%20na%20escrita%20de%20menores%20carentes%20que%20vivem%20em%20entidades%20filantr%C3%B3picas.pdf>. Acesso em: 30 jan. 2022.

### **Sobre as autoras**

*Any Cristina Felix* (Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-4301-9698>)

Mestranda em Educação pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Gramática, Análise Linguística e Variação (GEGALV/CEDU/UFAL), graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL), graduada em Serviço Social pela Faculdade Integrada Tiradentes (FITs).

*Maria Auxiliadora da Silva Cavalcante* (Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-4028-2669>)

Professora Doutora da Universidade Federal de Alagoas. Atua no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFAL, Graduada em Letras pela Universidade Federal de Alagoas (1996), com doutorado em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Alagoas (2001) e Pós-Doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto-PT (2011).

Recebido em junho de 2022.

Aprovado em setembro de 2022.